

José Alberto Azeredo Lopes

Ministro da Defesa Nacional

**Intervenção do Ministro da Defesa Nacional, José Alberto Azeredo Lopes, na XII
Conferência de Ministros de Defesa das Américas**

Trinidad e Tobago, 12 Outubro 2016

Exmo. Senhor Ministro da Segurança Interna de Trinidad e Tobago, (Caro Anfitrião);

Exmos. Senhores Ministros da Defesa, (Caros Colegas);

Exmos. Senhores Representantes das Organizações Internacionais aqui presentes;

Exmo. Senhor Secretário-Geral;

É para mim uma honra participar nesta XIIª Conferência de Ministros de Defesa das Américas, na qualidade de Ministro da Defesa de Portugal e gostaria de agradecer ao nosso anfitrião a generosidade com que nos recebeu. O meu país está, hoje, aqui, como estado observador. Porém – e na verdade – Portugal está intimamente ligado a estas latitudes - da Terra Nova ao Estreito de Magalhães - por fortes laços históricos, económicos, políticos e sobretudo humanos.

Não poderia, por isso, começar a minha intervenção sem saudar o passo em frente que a reunião de hoje representa na consolidação de uma visão multilateral e comum do continente americano quanto à sua segurança.

Permitam-me que, brevemente, partilhe uma perspetiva portuguesa sobre os últimos desenvolvimentos, em matéria de segurança e defesa, que marcam a agenda europeia, do lado de lá do Atlântico. Os atentados terroristas que fizeram vítimas inocentes, de Istambul a Nice, mas também o arco de instabilidade que, de Kiev a Trípoli, rodeia a Europa são, naturalmente, os dois principais dados, definitórios das nossas preocupações.

Mas, não são os únicos: a estes, juntam-se dinâmicas de radicalização de comunidades que há muito julgávamos bem integradas nas nossas sociedades, a pirataria e o tráfico de seres humanos, aproveitando, de forma criminosa, a vulnerabilidade de refugiados e migrantes.

Foi neste contexto que testemunhámos e participámos, enquanto Estado-membro de ambas as organizações, nos últimos passos dados tanto pela OTAN como pela UE, no sentido de reforçar a segurança da nossa “casa comum” que é a Europa. Por um lado, na Cimeira da OTAN de Varsóvia, decidimos consolidar a nossa presença a Leste, sem deixar de atender aos desafios, provindos do sul do continente. Por outro, no âmbito da UE, aprovámos uma “Estratégia Global” que pretende acordar à Europa o papel que deve ser o seu – o de verdadeiro ator mundial - projetando estabilidade na sua “vizinhança alargada” e fomentando a resiliência dos seus parceiros.

Uma referência especial à participação na Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa, onde, com o nosso irmão Brasil, procuramos

construir uma comunidade de segurança e defesa, assente em princípios e valores comuns e que une quatro continentes.

Em todos estes “fora”, Portugal tem mantido uma postura construtiva e solidária, acompanhada por um empenho concreto dos seus esforços diplomáticos e das suas forças armadas em alguns dos mais importantes teatros operacionais.

Para além disso acreditamos firmemente nas virtudes de um “multilateralismo efetivo”. Não posso por isso deixar de mencionar o momento recente muito feliz para o meu País traduzido na eleição de um português, António Guterres, para Secretário-Geral da ONU.

No último ano, por outro lado, reforçamos significativamente o nosso contributo para as operações de manutenção de paz das Nações Unidas: para além de uma presença no Afeganistão, estendemos a nossa participação na MINUSMA, no Mali, e decidimos o envio de uma companhia de 160 homens das nossas forças especiais para a República Centro-Africana, no âmbito da MINUSCA.

Foi além disso consensual a recente decisão portuguesa de se associar ao processo de paz na Colômbia, com o envio de 16 elementos (das forças armadas e da polícia) para a missão onusiana, à qual caberá monitorizar o processo de paz que todos nós, sem exceção e como o confirmou o prémio Nobel da paz deste ano, queremos que seja coroado de sucesso. A Colômbia merece-o.

Por fim, através da cooperação técnico-militar bilateral, que inclui vários estados do continente americano, o meu país procura contribuir para a paz e a segurança internacionais, face a novos desafios, como os representados pela volatilidade do ciberespaço, e de novas necessidades na área da ciberdefesa, pela porosidade de fronteiras e pela criminalidade ambiental.

Termino saudando novamente esta XIIª Conferências de Ministros da Defesa do Continente Americano. Faço sinceros votos para que nos reencontremos daqui a dois anos, ainda mais solidários e mais bem preparados para responder às necessidades de segurança e defesa experimentadas pelos nossos cidadãos, neste tempo incerto da “mundialização.”

Obrigado! Thank you! Muchas gracias.